

ARROYO, Miguel Gonzalez. *Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis: Vozes, 2000. 251 p.

Gislene de Barros ( Professora e pesquisadora)

Leonardo David de Morais<sup>1</sup>

Polyanna Coelho de Filippis,

O livro *Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens*, de autoria do professor titular emérito da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Miguel G. Arroyo, traz à luz um conjunto de reflexões, no mínimo necessárias, acerca das imagens e auto-imagens cultivadas por e sobre aqueles que exercem o chamado ofício de mestre nos tempos atuais: os professores.

Ao longo dos vinte capítulos que compõem o livro, o professor Miguel Arroyo, através de uma linguagem simples e objetiva, tece reflexões e comentários acerca das especificidades do magistério, do ofício de mestre, termo de sua grande predileção utilizado frequentemente ao longo do livro para denominar, de um modo talvez mais lúdico, a função, a ocupação exercida pelos professores, independentemente das semelhanças e diferenças existentes entre os conteúdos por eles ministrados. Tudo isso, é claro, baseado em sua vasta experiência como profissional da educação nas áreas teórica (como pesquisador) e prática (como professor) do ofício.

No livro *Ofício de Mestre* o autor busca oferecer a seu leitor reflexões sobre as várias dificuldades e desafios encontrados pela categoria no dia a dia. Os professores, segundo observa Arroyo (2000, p.64), apesar dos obstáculos, devem exercer, junto ao aluno, um papel muito maior do que apenas o de meros transmissores de conteúdos:

A categoria tem colocado todos os seus esforços em melhorar as condições materiais e de trabalho nas escolas (...) para que cheguem a ser espaços mais humanos. O grave das condições materiais e de trabalho das escolas não é apenas que é difícil ensinar sem condições, sem materiais, sem salários, o grave é que nessas condições nos desumanizamos todos. Não apenas torna-se difícil ensinar e aprender os conteúdos, torna-se impossível ensinar-aprender a ser gente.

---

<sup>1</sup> Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI - BH), Grupo de Estudos Interdisciplinares de Formação, Prática e Condição Docente (GEIFOP).

A importância da autonomia, exercida através de transgressões políticas e pedagógicas cultivadas pelos docentes em busca de inovações para uma real melhoria das condições do exercício satisfatório do seu ofício, é salientada nesse trabalho de Miguel Arroyo (2000, p.144): “A transgressão inovadora é a expressão de que os professores e as professoras não foram capturados (as) por uma visão legalista de seu ofício e de sua prática.”

Relevante também é a questão da relação, por vezes tensa, entre os docentes e os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais, levantada pelo autor na página 95: “Para procurarmos o rosto dos mestres nos PCNs temos de assumir que eles não mexem apenas com os conteúdos da docência, mas com os docentes, seu saber-fazer, seu ofício, sua auto-imagem.”

Miguel Arroyo não se baseia apenas em suas próprias experiências e vivências pessoais como educador para buscar elementos que ajudem a esclarecer, a delimitar essa proposta de reconstrução da imagem do mestre e de seu ofício no livro supracitado. O diálogo proposto pelo autor acerca das teorias de Paulo Freire e Jean F. Lyotard, dentre outros, serviu de substrato teórico para trazer à luz mais algumas importantes reflexões sobre o ser e o fazer docentes, em que “educar o educador será um permanente regresso à estação da infância como a expressão do humano possível, mas também voltando a Paulo como a negação dessa possibilidade.” (2000, p.49).

Compreender melhor as imagens e auto-imagens relacionadas à docência parece, segundo o autor, ser de fundamental importância no sentido de possibilitar uma reflexão mais acurada sobre as condições de formação e trabalho desse profissional. Ao sugerir que “a infância pode ser a grande educadora dos seus mestres e pedagogos” (p.251), Arroyo sinaliza que, para haver uma compreensão mais clara sobre as imagens e auto-imagens referentes à condição docente, é necessário também que os professores, nessa busca e afirmação de identidade, se voltem não apenas para as experiências adquiridas em suas próprias infâncias e adolescências, mas que acompanhem e compartilhem genuinamente as vivências e experiências de seus alunos, tão importantes quanto as do professor no velho binômio ensino e aprendizagem. Segundo o autor, “infância e adolescência são mais do que as novas gerações que conduzimos. Nos conduzem.” (2000, p.251).

Pela abordagem autocrítica e humanista do sempre delicado tema "Educação" , o livro *Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens* oferece aos professores e estudiosos da área da educação não apenas reflexões pertinentes a mesma, mas também questionamentos preciosos relacionados à constituição da imagem, da identidade dos que já foram educados e agora, professores, cumprem a missão de tornar seus alunos capazes de relacionar de maneira eficiente o conhecimento adquirido na escola à realidade, por vezes dura, de suas vidas.